

Coletânea de Textos
Alquímicos
Volume I

Coletânea de Textos Alquímicos Volume I

**Seleção e tradução
de
José Júlio Santos**



Tradução: José Júlio C. R. Santos

Design da capa: José Júlio C. R. Santos

Imagem da contracapa: Chrysopoeia of Cleopatra (Codex Marcianus graecus 299 fol. 188v); autor desconhecido, séc. X/XI

ISBN: 9789403905648

© José Júlio C. R. Santos

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida por qualquer forma ou meio sem a autorização prévia e por escrito do autor, exceto no caso de breves citações em críticas literárias.

Aviso importante de isenção de responsabilidade:

O conteúdo deste livro destina-se estritamente a fins educacionais, históricos, filosóficos e literários. As práticas, receitas ou experiências descritas nestes textos pertencem ao contexto tradicional da alquimia e não devem ser replicadas, ingeridas ou aplicadas no mundo real.

Nem o tradutor nem a editora poderão ser responsabilizados por quaisquer danos, perdas ou reações adversas resultantes da tentativa do leitor de reproduzir fórmulas, tinturas ou manipulações de substâncias aqui mencionadas.

Para questões de saúde, consulte sempre um profissional qualificado.

Índice

1	APRESENTAÇÃO	8
2	TRATADO SOBRE A NATUREZA EM GERAL DO COSMOPOLITA .	12
	Capítulo I - O que é a Natureza e quem devem ser aqueles que a buscam	12
	Capítulo II - Da operação da Natureza na nossa proposição e semente	16
	Capítulo III - Da verdadeira e primeira matéria dos metais	19
	Capítulo IV - De como os metais são gerados nas entranhas da Terra	21
	Capítulo V - Da geração de todos os tipos de pedras	24
	Capítulo VI - Da segunda matéria e da perfeição de todas as coisas .	27
	Capítulo VII - Da virtude da segunda matéria.....	31
	Capítulo VIII - Da Arte, e como a Natureza opera pela Arte na semente.....	33
	Capítulo IX - Da mistura dos metais, ou da forma de extrair a semente metálica	35
	Capítulo X - Da geração sobrenatural do filho do Sol	36
	Capítulo XI - Da prática e composição da Pedra ou Tintura Física, de acordo com a Arte	38
	Capítulo XII - Da Pedra e da sua virtude	44
	Epílogo, sumário e conclusão dos doze tratados ou capítulos precedentes.....	47
	Enigma filosófico do mesmo autor para os filhos da verdade	53

Segue-se a Parábola ou Enigma filosófico, acrescentada para finalizar a obra	56
Diálogo entre o Mercúrio, o Alquimista e a Natureza	63
3 CARTA FILOSÓFICA, MUITO ESTIMADA POR AQUELES QUE APRECIAM AS VERDADES HERMÉTICAS DE MICHAEL SENDIVOGIUS.	83
Do Caos.....	84
Dos elementos em geral.....	89
Dos elementos em particular e do fogo elementar ou do céu	93
Do Ar.....	96
Da Água	96
Da Terra	99
Das coisas elementadas e primeiramente do espírito	100
Dos três princípios da natureza	102
Do Sal.....	103
Do Enxofre.....	104
Do Mercúrio	104
Da geração.....	105
Da conservação	111
Da destruição	112
Dos astros.....	112
Dos três reinos da natureza.....	114
Do reino mineral.....	114
Do reino vegetal	119
Do reino animal	120

4	CATECISMO ALQUÍMICO POR THEOPHRASTUS PARACELSUS .128
	CAPÍTULO I - A Natureza.....128
	CAPÍTULO II - Requisitos e método de filosofia129
	CAPÍTULO III - A Quintessência.....129
	CAPÍTULO IV - Dos planetas e dos metais. Cosmologia alquímica ...132
	CAPÍTULO V - A pedra, o caos e o céu. O Génesis de acordo com a alquimia138
	CAPÍTULO VI - Como se tornar um alquimista?143
	CAPÍTULO VII - O ouro dos alquimistas149
	CAPÍTULO VIII - A Estrela Flamígera153
	CAPÍTULO IX - A matéria.....155
	CAPÍTULO X - Palavras rituais156

1 APRESENTAÇÃO

Procurando seguir os passos das antigas Coletâneas de Textos Alquímicos do séc. XVII, como o *Theatrum Chemicum* (1602), o *Musaeum Hermeticum* (1625), o *Theatrum Chemicum Britannicum* (1652), a *Bibliotheca Chimica* (1654) e a *Collectanea Chymica Curiosa* (1693), apresentamos o leitor com o Volume I da Coletânea de Textos Alquímicos.

Esta coletânea pretende enriquecer a bibliografia em português disponível sobre a Arte Hermética.

No presente volume apresentamos:

O *Tratado da Natureza em Geral*, do Cosmopolita, a *Carta Filosófica* de Miguel Sendivogius e o *Catecismo Alquímico* de Paracelso.

O *Tratado da Natureza em Geral*, é o primeiro Tratado que aparece na obra *Nova Luz Química* do Cosmopolita (*Cosmopolita ou Nova luz química, para servir como um esclarecimento dos três Princípios da Natureza exatamente descritos nos três tratados seguintes: O tratado sobre o Mercúrio, O tratado sobre o Enxofre, O tratado sobre o Sal verdadeiro dos Filósofos, última edição revista e aumentada com as cartas e estudos filosóficos do mesmo autor*, Paris, 1691). O *Tratado da Natureza em Geral* consta de 12 capítulos, um Epílogo, sumário e conclusão, um Enigma filosófico, seguindo-se-lhe a Parábola ou Enigma filosófico, acrescentada para finalizar a obra e, por fim, o Diálogo entre o Mercúrio, o Alquimista e a Natureza.

Alguns investigadores, como Jacques Sadoul, por exemplo, consideram que o Cosmopolita seria o pseudónimo do alquimista escocês Alexander Seton (ou Sethon) que morreu

em 1604. Não se conhecem, nem a data nem o local de nascimento. Viajou pela Europa visitando várias cidades e é daí que vem o seu nome, o Cosmopolita. No decorrer das suas viagens terá realizado várias transmutações alquímicas perante testemunhas.

A *Carta Filosófica* aborda os elementos, os princípios, as três forças (geração, conservação e destruição) e a influência dos astros, bem como os três reinos da natureza. É atribuída a Miguel Sendivogius (1566-1636), que foi um médico, filósofo e alquimista polaco. Terá sido ele o responsável pela publicação da obra *Nova Luz Química*. De acordo com Jacques Sadoul, Sendivovius era um soprador (um falso alquimista, interessado apenas em riquezas) e que usurpou o nome do Cosmopolita. No entanto Eugene Canseliet, um alquimista operativo do século XX, considera que Sendivogius conseguiu interpretar os textos do Cosmopolita e que se tornou um Adepto (um alquimista que realizou a Grande Obra).

Paracelso, foi o pseudónimo de Philippus Aureolus Theophrastus Bombastus von Hohenheim (1493-1541) um médico, filósofo e alquimista suíço que nos deixou uma extensa obra. Deixou muitas contribuições para a medicina, química, toxicologia, alquimia, etc.

Sobre o *Catecismo Alquímico*, diz-se que este pequeno e valioso livro foi encontrado na Biblioteca do Vaticano pelo Barão Tschoudy, um maçom suíço. Eliphas Levi, na sua obra *Dogma e Ritual da Alta Magia*, refere que “Entre os livros raros e preciosos que contêm os mistérios do grande arcano, é preciso contar na primeira linha, o *Caminho Químico ou Manual de Paracelso*, que contém todos os mistérios da física demonstrativa e da mais secreta Cabala. Este livro

manuscrito, precioso e original, só se acha na biblioteca do Vaticano. Sendivogius tirou dele uma cópia de que o barão de Tschoudy se serviu para compor o catecismo hermético contido na sua obra intitulada: *A Estrela Flamejante*. Este catecismo, que indicamos aos sábios cabalistas como podendo substituir o tratado incomparável de Paracelso, contém todos os princípios verdadeiros da grande obra, expressos de um modo tão satisfatório e tão claro, que é preciso ter falta absoluta de compreensão especial do ocultismo para não chegar à verdade absoluta, meditando-o.” O livro que agora apresentamos, embora seja conhecido pelo *Catecismo de Paracelso*, não se trata do *Caminho Químico ou Manual de Paracelso*, é possível, no entanto, que seja um resumo ou adaptação de alguma parte desse livro. Apresenta de facto muitas semelhanças com o Catecismo Hermético contido na *Estrela Flamígera* e o leitor notará semelhanças também com *O Tratado da Natureza em Geral*. Para a tradução que apresentamos utilizámos uma versão castelhana e duas inglesas. A versão em castelhano aparece dividida em 10 capítulos, divisão que conservámos aqui, no entanto, isso não acontece nas edições inglesas consultadas. No capítulo VI, incluímos, em itálico e entre parênteses retos, dois parágrafos que constam na versão inglesa, mas não na versão castelhana. Estes parágrafos fazem referência a obras de Paracelso, parecendo o autor do parágrafo não ser o próprio Paracelso, e há também a referência a Jean d’Espagnet (1564–1637), que viveu depois de Paracelso, pelo que deduzimos que esses foram parágrafos colocados *a posteriori*.

O tradutor

2 TRATADO SOBRE A NATUREZA EM GERAL DO COSMOPOLITA

Capítulo I - O que é a Natureza e quem devem ser aqueles que a buscam

Vários homens sábios e muito doutos, escreveram, há vários séculos, e inclusive antes do Dilúvio (de acordo com o testemunho de Hermes), muitos preceitos sobre a maneira de encontrar a Pedra dos Filósofos, e deixaram-nos tantos escritos, que se a Natureza não operasse todos os dias ante os nossos olhos efeitos tão surpreendentes que não os podemos negar em absoluto, creio que não haveria quem acreditasse que havia verdadeiramente uma Natureza, pois em tempos passados nunca houve tantos inventores de coisas nem tantas invenções como se veem hoje. Também os nossos predecessores, sem se divertirem com essas vãs pesquisas, não consideraram nada além da Natureza e da sua possibilidade: isto é, o que era possível fazer. E embora eles morassem apenas neste caminho simples da Natureza, eles encontraram tantas coisas que mal poderíamos imaginá-las com todas as nossas sutilezas e toda essa multidão de invenções. Isso acontece porque a Natureza e a geração ordinária das coisas que crescem na Terra nos parecem muito simples e de pouco efeito para lhes aplicarmos a nossa mente, que, no entanto, se exercita apenas em imaginar coisas sutis que, longe de serem conhecidas, a muito custo podem ser feitas ou, pelo menos, muito dificilmente. É por isso que não nos devemos

surpreender se acontecer inventarmos mais facilmente algumas sutilezas vãs, e tais como na verdade os verdadeiros Filósofos quase não poderiam ter imaginado, em vez de chegar à sua intenção e ao verdadeiro curso da Natureza. Mas quê! Tal é o humor natural dos homens deste século, tal é a sua inclinação para negligenciar o que eles sabem, e sempre buscar alguma coisa nova, e especialmente as mentes dos homens a quem a Natureza está sujeita.

Vós vereis, por exemplo, que um artesão que alcançou a perfeição da sua Arte, buscará outras coisas, ou abusará dela, ou mesmo a abandonará por completo. Assim, a Natureza generosa sempre age incessantemente até à sua Ilíada, isto é, até ao seu último termo, e então ela cessa: pois, desde o começo, foi-lhe concedido que ela poderia melhorar no seu curso e que finalmente chegaria a um repouso sólido e completo, para o qual, tende com todas as suas forças, regozijando-se com o seu fim como as formigas se regozijam com a velhice que lhes dá asas até ao fim dos seus dias. Da mesma forma, as nossas mentes avançaram tanto, principalmente na Arte filosófica e na prática da Pedra, que quase chegámos à Ilíada, ou seja, ao último objetivo. Porque os Filósofos desta época encontraram tantas sutilezas que é quase impossível encontrar outras maiores; e eles diferem tanto da Arte dos antigos Filósofos quanto a relojoaria difere da simples serralharia. Com efeito, embora o serralheiro e o relojoeiro empunhem o ferro e sejam ambos mestres na sua arte, um desconhece o artifício do outro. De minha parte, asseguro-me de que se Hermes, Geber e Lúlio, por mais sutis e profundos Filósofos que eles pudessem ter sido, se voltassem agora ao mundo, não o fariam como Filósofos, mas como discípulos, tão grande é a nossa presunção. Sem

dúvida, também esses bons e sábios personagens desconheciam tantas destilações inúteis que são usadas hoje, tantas circulações, tantas calcinações e tantas operações vãs que os nossos modernos inventaram, porque não entenderam bem o significado dos escritos desses Antigos, permanecerão ainda por muito tempo a buscar apenas uma coisa: conhecer a Pedra dos Filósofos, ou a tintura física que os Antigos sabiam fazer. Por fim, acontece-nos, ao contrário, que ao procurá-la onde não está, encontramos outra coisa; mas se não fosse esse o instinto natural do homem, e se a Natureza não usasse o seu direito nisso, dificilmente estaríamos enganados agora.

Para retornar, portanto, ao nosso assunto, prometi neste primeiro Tratado explicar a Natureza, para que as nossas vãs imaginações não nos desviem do caminho verdadeiro e simples. Digo-vos, portanto, que a Natureza é una, verdadeira, simples, completa no seu ser, e que Deus a fez antes de todos os séculos e encerrou nela um certo espírito universal. Deve saber-se, entretanto, que o termo da Natureza é Deus, assim como é o seu princípio; pois toda a coisa termina sempre naquilo em que tomou o seu ser e o seu princípio. Eu disse que é única e que é por meio dela que Deus fez tudo o que fez; não que eu diga que Ele não pode fazer nada sem ela (pois foi Ele quem a criou, e Ele é todo-poderoso), mas assim o quis e assim Ele a fez. Todas as coisas provêm desta só e única Natureza e não há nada em todo o mundo fora da Natureza. Que, se às vezes vemos abortos acontecerem, é culpa ou do lugar ou do artesão e não da Natureza. Ora, esta Natureza está dividida principalmente em quatro regiões ou lugares, onde ela faz tudo o que se vê e tudo o que está oculto; pois, sem dúvida,

todas as coisas estão mais na sombra e escondidas do que verdadeiramente à luz. Ela substitui o macho e a fêmea; ela é comparada a Mercúrio, porque se une aos diversos lugares; e de acordo com os lugares da Terra, bons ou maus, ela produz cada coisa, embora na verdade não existam maus lugares na Terra, como nos poderia parecer. Existem quatro qualidades elementares em todas as coisas, que nunca concordam, pois, uma sempre excede as outras.

Deve-se notar, portanto, que a Natureza não é visível, embora ela atue sem cessar; pois ela não é senão um espírito volátil, que cumpre o seu ofício nos corpos e que tem o seu assento e o seu lugar na Vontade divina. Neste lugar, ela não nos serve para outro propósito, exceto para que saibamos como conhecer os lugares dela, e principalmente aqueles que lhe são mais próximos e mais adequados; isto é, para que possamos unir as coisas segundo a Natureza, para que não juntemos a madeira ao homem, ou o boi ou qualquer outro animal ao metal; mas, ao contrário, que o semelhante aja sobre o semelhante, pois assim a Natureza não deixará de cumprir o seu dever. Ora, o lugar da Natureza não está noutro lugar senão na vontade de Deus, como já dissemos acima.

Os escrutinadores da Natureza devem ser como a própria Natureza é: isto é, verdadeiros, simples, pacientes, constantes, etc., mas, o que é o ponto principal, piedosos, tementes a Deus e de forma alguma prejudiciais ao seu próximo; depois, que considerem exatamente se o que se propõem está de acordo com a Natureza, se é possível e factível; e isso eles aprendem com exemplos aparentes e sensatos; ou seja, com o que é que tudo é feito, como e com que recipiente. Porque se tu simplesmente queres fazer algo